

## Romanos no Nordeste alentejano – Percursos de uma investigação

José d` ENCARNAÇÃO<sup>107</sup>

### Resumo

Procura traçar-se uma panorâmica das principais características do que foi a vivência romana em terras do actual Nordeste alentejano. Dá-se particular atenção às povoações com notáveis vestígios dessa época: Ponte de Sor, Alter do Chão, Ammaia, Elvas e Monforte.

**Palavras-chave:** epigrafia romana; cultos indígenas; cultos romanos; sociedade romana.

### Abstract

A view about the most relevant aspects of the Roman life in these countries of the actual North-east of the Portuguese Alentejo. We see specially what we know about Ponte de Sor, Abelterium, Ammaia, Elvas and Monforte.

**Key words:** Roman epigraphy; Roman Lusitania; indigenous deities; Roman society.

### Que caminhos pode percorrer a investigação sobre os tempos romanos no Nordeste agora alentejano?

Arqueólogos dirão dos vestígios materiais: as cidades, as *villae*, as necrópoles – e o que da sua distribuição espacial pode deduzir-se quanto ao povoamento e aproveitamento dos recursos naturais, não descurando os ecos culturais que daí dimanam.

Os numismatas complementarão esses dados com as informações económicas veiculadas pelos achados monetários e, ao olharem para as numismas, nelas descobrirão também ecos político-culturais!

Que papel fica, então, reservado para o epigrafista, ao decifrar mensagens propositada e imorredoiamente gravadas? Ecos culturais também, mais vivos porventura, porque

---

<sup>107</sup> [jde@fl.uc.pt](mailto:jde@fl.uc.pt). Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP). Universidade de Coimbra.

através da análise dos antropónimos e dos teónimos e da escrita se penetra no modo de pensar!

A descoberta de uma dedicatória imperial em Portalegre levou os eruditos do século XVII a discutirem sobre *Medobriga* e *Ammaia* e, naturalmente, sobre as enormes potencialidades da região. Multiplicam-se hoje as epígrafes encontradas; de *Ammaia* se sabe muito mais; a onomástica patente nas inscrições denuncia uma aculturação precoce e permite-nos afirmar que, também aqui, o rio Tejo não foi fronteira mas elo de ligação. Se a influência da capital *Emerita Augusta* se fez sentir, não é menos verdade que gentes do mesmo estrato cultural indígena se distribuíram pelas duas margens do rio.

E por essas descobertas caminhamos!

¿Que caminhos calcorrear, na certeza de que haverá sempre quem, como José Régio, preferirá proclamar: «Não, eu não vou por aí!»?

Ousar-se-ão, pois, propor paragens nesse calcorreado percurso, para se contemplar o que há para contemplar aí.

Sintetizei assim: Ponte de Sor – a passagem; Alter do Chão – o luxo; *Ammaia* – o urbano; Elvas – a cultura; Monforte – a opulência.

Ponte de Sor, a passagem, pela quantidade de miliários que se encontraram no seu termo, a denunciar (como, de resto, o seu nome indica) que era ‘ponte’, lugar de passagem.

Alter do Chão – o luxo. O *dominus* da *villa* de Ferragial d’El-Rei não hesitou em mandar desenhar em grande mosaico uma Medusa protectora e, para mostrar a sua erudição, um instantâneo a mostrar Alexandre, o Grande, na batalha de Hisdaspes (António 2015)! Não é apenas a beleza da cena em si que importa, mas sim, de modo especial, a ocorrência desta representação aqui.

É também de Alter uma telha (*imbrex*), fragmentada, com grafito, que nos dá, na sua singeleza, mui sugestivas informações, a confirmar a intensa vida económica que *Abelterium* não se importava de ostentar .

Diz o seguinte: VIIRNA/CVLVS / FECIT / IMBRICIIS / <sup>5</sup> AB[II]LTIRIO / AD CASTOREM / ∞ ∞ (*duo milia*) / ∞ (*mille*) / DCCCCL (*quingenta et nongenti*) / <sup>10</sup> DCCC (*octingenti*)

Vernáculo fez, em Abeltírio, à do Castor, telhas 2000, 1000, 850, 800.

Era como que um registo das fornadas que se iam fazendo. O telheiro era de Castor e Vernáculo fez questão em esclarecer que tudo se passava em *Abeltírio*, corruptela do topónimo *Abelterium*, conhecido pelos itinerários e de cuja localização ainda se não tinha a certeza. Esta telha veio, por conseguinte, confirmar a hipótese de o actual nome «Alter» ter sido derivado do latino *Abelterium* (António e Encarnação, 2009).



Figura 1. O epitáfio de Sentia Laurilla, de Alter do Chão. Foto de Jorge António.

Importa ainda olhar para o epitáfio de *Sentia Laurilla* (Fig.1), monumento que se diria perfeitamente clássico, canónico. E se *Sentius* é gentílico que surge em *Ammaia* e o *cognomen Laurilla* se insere de pleno direito no rol dos cognomes etimologicamente latinos de bom recorte, atente-se no facto de a sua identificação estar apresentada à maneira indígena: é filha de Tangino! E Tangino é antropónimo pertencente ao estrato pré-romano. Ou seja, oriunda de uma família local, Laurilla subiu na vida, de tal modo que aos seus libertos, de cognome bem erudito (*Sadala* e *Repentina*), outorga, por testamento, o direito de serem seus herdeiros. E são eles – *heredes ex testamento* – que mandam lavrar seu epitáfio (António e Encarnação, 2006).

*Ammaia* – o urbano. Na verdade, à medida que as investigações prosseguem, mais evidente se torna a imponência urbana que a cidade atingiu. A justificar, por exemplo, o interesse que despertou ao imperador Cláudio.

Cláudio concedeu *virritim*, isto é, pessoalmente, a cidadania romana a *Publius Cornelius Macer*, notável municipal que em *Ammaia* exerceu os cargos de questor e de duúviro.

E outras benesses, sem dúvida, terá o imperador concedido, a justificar a homenagem (IRCP 615) que, no ano 44, “por voto anual”, a *civitas Ammaiensis* lhe prestou.

Homenagem importante, uma vez que nela intervém, em nome do imperador, o seu legado provincial, numa altura em que o aglomerado ainda não ascendera à categoria de município (partirá, mui possivelmente, desse mesmo imperador Cláudio a iniciativa dessa promoção). Na verdade, quem, na altura, representa os Amaienses são dois indígenas, decerto os *magistri*.

E não poderá passar despercebida a informação de que se trata de um voto anual: haviam-se oficialmente comprometido os responsáveis da *civitas* a honrarem, todos os anos, o imperador. Decerto, nem sempre a homenagem terá sido consignada numa epígrafe, esta poderá ter servido posteriormente de ‘testemunha’, mediante, por exemplo, a deposição de flores ou a realização de um sacrifício ritual. Recordar-se-á, a propósito, a informação que o imperador Augusto fizera questão em referir nas suas *Res Gestae*, após mencionar a sua acção de pacificador e conquistador:

«Toda a Itália me prestou juramento espontaneamente e me pediu que fosse seu chefe na guerra que venci junto de Áccio. O mesmo juramento prestaram as províncias da Gália e da Hispânia, a África, a Sicília e a Sardenha» (*apud* Pereira, 2000: 118).

Caso – como se afigura mui plausível – essa atitude amaiense seja eco desse costume, *Ammaia* gozava, pois, de um prestígio invulgar mesmo no seio das *civitates* da Hispânia.

Não admira, por isso, que desse prestígio haja ecos nos seus monumentos epigráficos (e muitos se terão perdido em reaproveitamentos, por exemplo, nas construções de Portalegre e povoações vizinhas). Citar-se-ão apenas dois:

– O altar (fig.2) que veicula uma consagração ao deus Mercúrio, com o epíteto de Augusto, o que o integra numa aura do poder imperial; por outro lado, com omissão do dedicante, implicando ser de iniciativa de toda a população, uma dedicatória oficial!



Figura 2. O altar a Mercúrio Augusto, de *Ammaia*. Foto de Guilherme Cardoso.

– a estela funerária magnífica, de um cidadão romano, inscrito na tribo Quirina (que foi adscrita à *civitas* após a elevação a município), *Gaius Sentius Capito* (Mantas, 2004: 92-97). Tem a família *Sentia* testemunhos na capital da província (*Emerita Augusta*) e em *Abelterium*, como se viu.

De Elvas e seu termo, apraz assinalar as manifestações culturais patentes nos monumentos epigráficos conhecidos. Prova da existência aí de uma população que cedo apreendeu os hábitos romanos.

Sirva-nos de testemunho a placa com o epitáfio de *Cominia Avita*, de nove anos, mandado, naturalmente, gravar por seus pais (IRCP 583 – fig.3). Atente-se na ternura familiar – 9 aninhos!... Nas duas pombas afrontadas – inocência! No voto *te rogo praeteriens dic sit tibi terra levis*, de que se conhecem outros exemplos na Bética mas mui escassos na Lusitânia. Na transmissão perfeita dos nomes: a menina tem o gentílico do pai (como é de lei) e o *cognomen* da mãe (tradição que nem sempre é respeitada). No uso de *curarunt* por *curaverunt*, a denotar cabal conhecimento das regras ortográficas.



Figura 3. O epitáfio de *Cominia Avita*, de Elvas. Foto de Guilherme Cardoso.

Apraz, por outro lado, salientar: essa aprendizagem teve as titubeações normais, que a singela placa de *Faleia Avita* pode exemplificar (IRCP 585 – fig.4). Assim, para além de uma paginação sem grande rigor, de letras irregulares e irregularmente dispostas (veja-se o S do final da linha 3), a fórmula final escolhida foi FECIT CVRAVITT, em vez do habitual F(aciendum) C(uravit), e, ainda por cima, com a distração da repetição do T! Por outro lado, interrogamo-nos acerca da verdadeira grafia do gentílico *Faliiia*. O normal será que os dois primeiros Ii assumam o valor de E, como noutras vezes acontece; contudo, *Faleia* apresenta-se, até ao momento, como caso único; a

possibilidade de o lapicida ter lido mal *Faleria* ou *Falcidia* afigura-se bem remota, até por se tratar de *nomina* indocumentados na Hispânia. Justificar-se-á pela falta de espaço a anormal menção do gentílico mediante sigla – T(erentius) será? – e o normal E por AE como reflexo da linguagem oral. Um monumento singular!

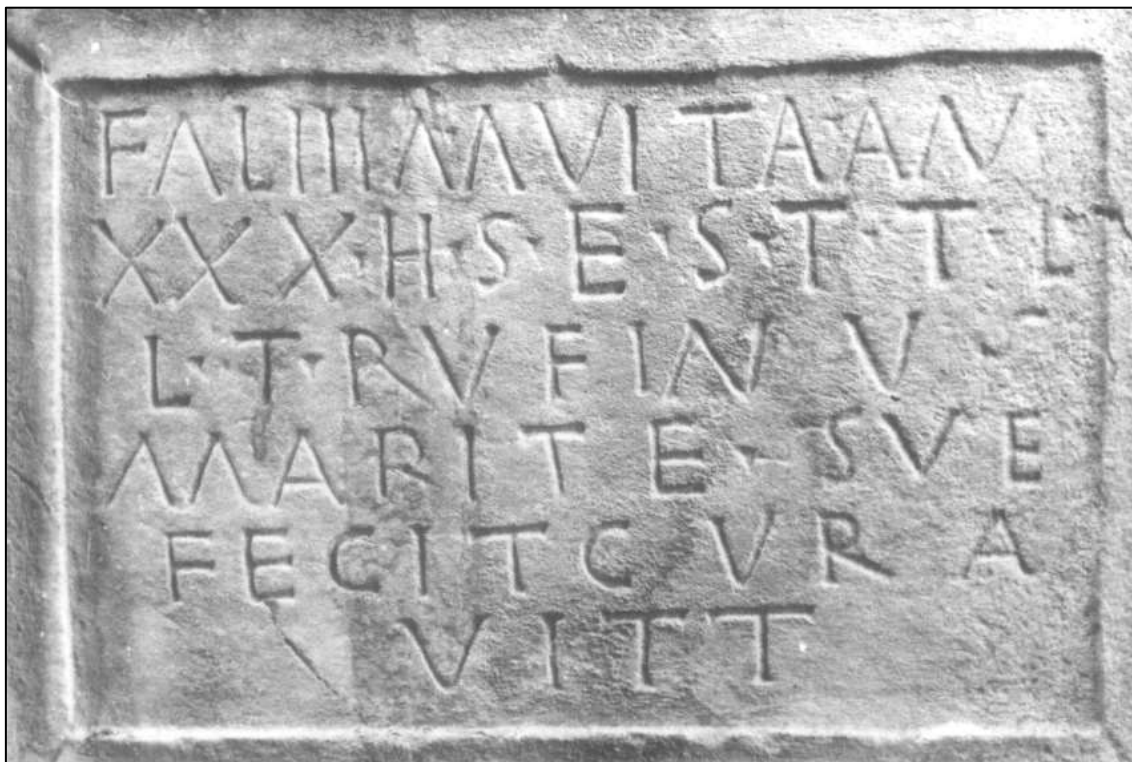


Figura 4. O epitáfio de *Faleia* Avita, de Elvas. Foto de Guilherme Cardoso.

Monforte – a opulência! Quanto se sabe, e muito é, da *villa* de Torre de Palma seria bastante para ratificar o registo de opulenta. Bastará, porventura, a alusão ao facto de, em determinado momento, quando pensou na decoração a mostrar no pavimento duma das salas mais importantes da sua casa senhorial, o *dominus* não ter hesitado: quero lá os retratos dos meus melhores cavalos, sobretudo esse, o *Lenobatis*, que tantas vitórias me deu! (IRCP 603; Lancha e Beloto, 1993; Salgueiro, 1993).

Ocorre-nos, obviamente, a tradição de que a Coudelaria de Alter é sublime manifesto; ocorre-nos aquela frase antiga de as éguas da Lusitânia serem fecundadas pelo Favónio, essa branda aragem vinda do poente; ocorre-nos a inscrição do celebrado auriga lusitano *Caius Appuleius Diocles*, a dar brado nos circos da Cidade Eterna (CIL VI 10 048; García y Bellido, 1953 e 1955; Almeida, 1967: 320-322).

### Em conclusão:

Importa concluir, afirmando, desde logo, que o que mais vier a descobrir-se irá confirmar o panorama ora gizado: este Nordeste romano constituiu-se como zona de fronteira, em que temos, dum lado, a proximidade da capital, *Emerita Augusta* e, do outro, a vontade dos indígenas de bem aproveitarem os benefícios trazidos pelo colonizador, sem menosprezo, porém, da sua identidade!

De facto, é possível pôr lado a lado, inclusive porque de mui idêntica tipologia, o ex-voto que *Faustus*, liberto de *Bassus*, dedicou a Júpiter (IRCP 607) e o que o indígena *Lupus*, filho de *Lancius*, dedicou à divindade local *Quangeius Tangus* (IRCP 641). E sublinhar a persistência, nos monumentos funerários, da tipologia e da onomástica pré-romana, como os epitáfios de *Sica Maelonis filius* (em mui singela e tosca estela de xisto: IRCP 631 – fig. 5) e de *Camira Maxumi filia* (já trabalhada e encimada por rosácea: IRCP 624) permitem observar.



Figura 5. A estela de Sica, de Elvas. Foto de Guilherme Cardoso.



Persistência que a inscrição da área de Arronches (fig. 6), hoje no Museu Nacional de Arqueologia, redigida em língua dita lusitana – e que tanto tem interessado os investigadores (Encarnação *et alii*, 2008; Prósper e Villar, 2009, Ribeiro, 2010) – sobejamente atesta, no culto também a divindades autóctones!

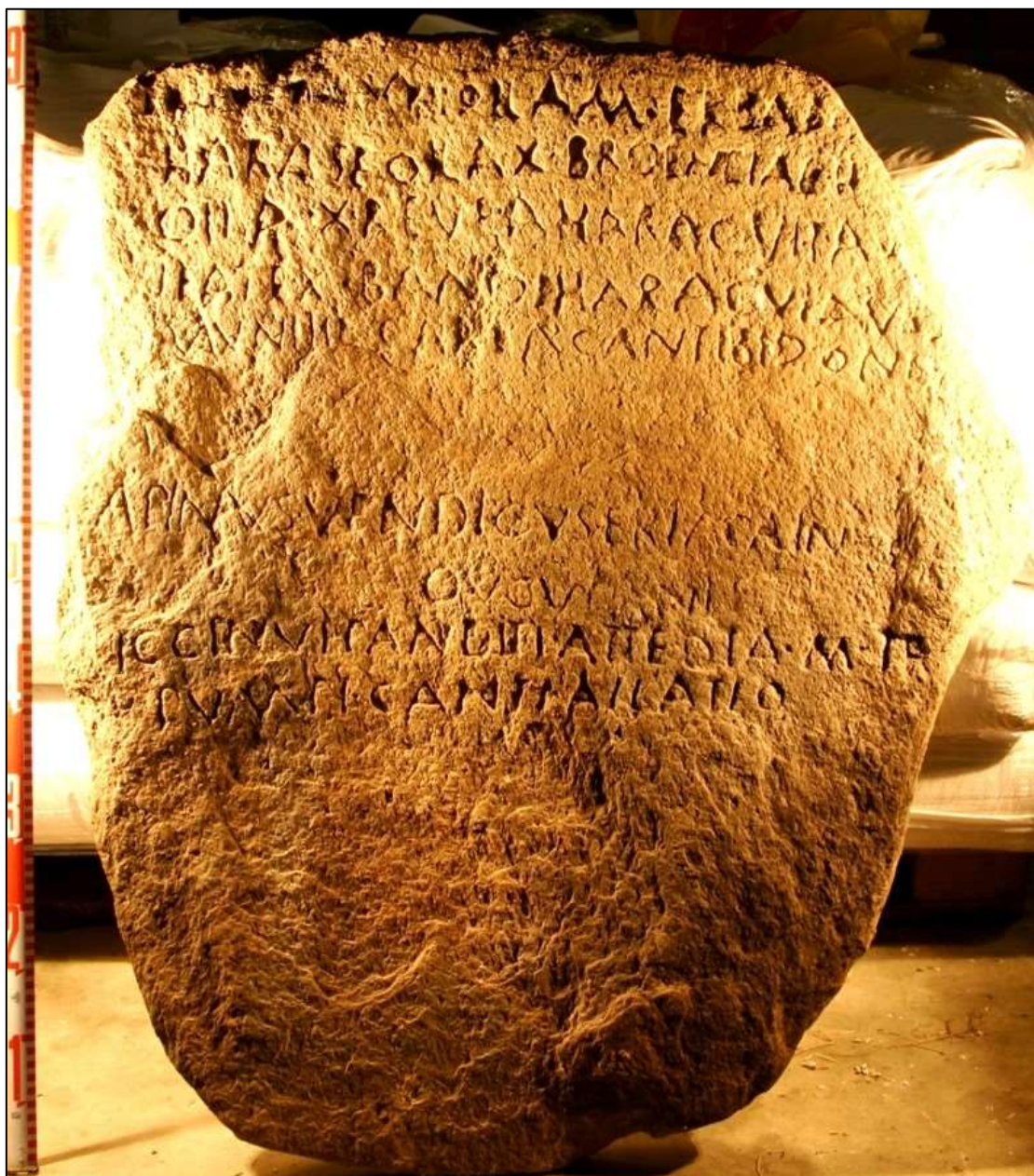


Figura 6. A inscrição em língua Lusitana de Arronches. Foto de Jorge Oliveira.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Justino Mendes de (1967) – Nótulas de epigrafia latina. *Revista de Guimarães*. 77. Guimarães, p. 313-322.
- ANTÓNIO, Jorge (2015) – Alexandre, o Grande e a batalha de Hidaspes – O mosaico do *triclinium* da Casa de Medusa. *Abelterium*. II/1. Alter do Chão, p. 52-71.
- ANTÓNIO, Jorge; ENCARNAÇÃO, José d' (2006) – Epitáfio de *Sentia Laurilla*, de Alter do Chão (*Conventus Pacensis*). *Ficheiro Epigráfico*. 81, inscrição n.º 362.
- ANTÓNIO, Jorge; ENCARNAÇÃO, José d' (2009) – Grafito identifica Alter do Chão como *Abelterium*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12/1. Lisboa, p. 197-200. <http://hdl.handle.net/10316/13555>
- ENCARNAÇÃO, José d'; OLIVEIRA, Jorge; CARNEIRO, André; TEIXEIRA, Cláudia (2008) – Inscrição votiva em língua lusitana (Arronches, Portalegre). *Conimbriga*. 47. Coimbra, p. 85-102. <http://hdl.handle.net/10316/10754>
- GARCÍA Y BELLIDO, Antonio (1953) – Diocles, el “As” de los circos romanos. *Nummus*. 1(2), p. 81-91.
- GARCÍA Y BELLIDO, Antonio (1955) – El español Diocles, “as” de los circos romanos. *Arbor*. 32, p. 252-262.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. [O número indica o número da inscrição no catálogo].
- LANCHA, Janine e BELOTO, Carlos (1993) – *Chevaux vainqueurs: Une mosaïque romaine de Torre de Palma, Portugal*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais.
- MANTAS, Vasco Gil (2004) – Novidades epigráficas de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão). In AULIARD, Claudine et BODIOU, Lydie [dir.]. *Au Jardin des Hespérides – Histoire, Société et Épigraphie des Mondes Anciens (Mélanges offerts à Alain Tranoy)*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, p. 87-105.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (2000) – *Romana (Antologia da Cultura Latina)*. Universidade de Coimbra.
- PRÓSPER, Blanca María e VILLAR, Francisco (2009) – Nueva inscripción lusitana procedente de Portalegre. *Emerita*. LXXVII/1, p. 1-32.
- RIBEIRO, José Cardim (2010) – **Algumas considerações sobre a inscrição em “lusitano”** descoberta em Arronches. *Palaeohispanica*. 10, p. 41-62.
- SALGUEIRO, Pedro Paulo H. N. Agante (Junho 1993) – *Lenobatis*, um lusitano?. *Equestre*. 21, p. 52-55.